

ARTE, REALISMO E RELIGIOSIDADE NA OBRA DE JUDITH BACCI: UM PATRIMÔNIO A SER PRESERVADO

PEREIRA, Leticia Alves¹; SILVA, Ursula Rosa da²

¹*Universidade Federal de Pelotas - pereiraleticia@msn.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - ursula_ufpel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Judith da Silva Bacci foi uma escultora autodidata negra pelotense que nasceu em 1918 e faleceu em 1991. Trabalhou como zeladora da antiga Escola de Belas Artes - EBA (posteriormente denominado Instituto de Letras e Artes e, atualmente, Centro de Artes) desde sua fundação e, com o tempo, foi se interessando pela escultura.

A história de Judith é de resistência e seu trabalho venceu muitos obstáculos, devido a várias convenções que o ambiente elitista em que vivera impunha. Ainda assim, chegou à função de laboratorista em escultura, auxiliando professores, no então Instituto de Letras e Artes - ILA.

O objetivo deste trabalho é investigar e avaliar a obra de Judith Bacci no contexto em que ela viveu e trabalhou, para com isso, poder analisar como andam as suas memórias e a repercussão de sua produção artística como patrimônio cultural, pois o conjunto de obras produzidas pela artista possui forte vínculo com a sociedade pelotense, principalmente os retratos de personalidades locais e as obras de cunho religioso.

Para se alcançar este objetivo maior partir-se-á de objetivos específicos tais como: investigar sobre a vida de Judith Bacci; realizar uma análise formal e de conteúdo de suas obras; investigar o contexto histórico no qual a escultora estava inserida, realizar registro fotográfico das esculturas; identificar as técnicas utilizadas nas criações; descobrir quais obras são de sua autoria; definir quais as possíveis aproximações de seu trabalho com a obra de Antônio Carangi. Este trabalho se torna importante a partir do momento em que busca valorizar a memória de Judith Bacci, através da investigação da vida e da obra da artista que possuem profunda relação com a história da EBA.

O problema da pesquisa centra-se em definir se a obra de Judith Bacci recebeu sua devida valorização na Escola de Belas Artes e no meio artístico de Pelotas. No encaminhamento desta temática, alguns questionamentos moveram esta pesquisa, tais como: a memória de Judith Bacci ainda é viva entre os que conviveram com ela? Qual o contexto da EBA na época? Quais as relações da mídia imprensa e Nelson Abott de Freitas com a obra da artista? O fato de ser mulher, negra e zeladora, influenciou na valorização de seu trabalho como artista? As diferenças entre conhecimento empírico e conhecimento científico influenciaram na valorização de sua obra? Sua obra possui caráter patrimonial?

2. MATERIAL E MÉTODOS

O tema desta pesquisa delimita-se na análise histórica da vida e obra de Judith Bacci. O que se pretende é fazer um levantamento sobre sua vida para descobrir os percursos que a levaram a tais produções artísticas e, a partir disso,

buscar-se-á elaborar uma análise crítica sobre sua obra, identificando os fatores constituintes de sua produção e suas influências.

Para fundamentação teórica foram utilizados como referência no âmbito local Nelson Abott de Freitas, professor e crítico da arte pelotense, e Carmen Diniz, professora do Centro de Artes com dissertação defendida sobre a tradição acadêmica da arte pelotense. Dentre as bibliografias internacionais tem-se como autores norteadores Françoise Choay, autoridade em relação ao patrimônio cultural, e Maurice Halbwachs, referência em memória coletiva.

Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi uma pesquisa do tipo estudo de caso, com o uso de entrevistas semi-estruturadas, para investigar sua vida e descobrir esculturas de sua autoria. Após este período de busca, suas obras foram organizadas em fichas de leitura, a fim de inventariar sua produção artística. A partir disso, com os dados adquiridos, as informações foram cruzadas com o auxílio de fontes de pesquisa como jornais da época e livros. Sendo assim, a pesquisa apresenta caráter qualitativo, já que busca significar os dados encontrados e não quantificá-los.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fundação da Escola de Belas Artes contou com apoio de pessoas da elite política, social e cultural da cidade de Pelotas e, desta elite, eram alguns componentes da diretoria desta escola (DINIZ, 1996, p.57). Fica evidente que, neste contexto, Judith entrara num meio bastante fechado, que ditaria as regras a serem seguidas para o atendimento dos interesses dos dominantes.

De acordo com alguns depoimentos Judith não era impedida de produzir ou vender suas obras, mas, em contrapartida, também não era incentivada. Entretanto, ao ver o resultado de suas criações, muitas pessoas da instituição ficavam surpresas com suas obras.

Em entrevista, Mário Eugênio, filho da artista, relata que havia, pelos mais conservadores, o racismo. Entretanto, os alunos reconheciam o trabalho de Judith, e tinham a necessidade de sua presença em sala de aula, pois ela colaborava com os trabalhos deles¹.

Sua colaboração foi realmente significativa, porque, mesmo com pouca escolaridade, foi elevada à função de laboratorista em escultura, para auxiliar os professores com as atividades dos alunos.

O talento de Judith foi reconhecido por alunos e também pelo crítico de arte Nelson Abott de Freitas que, em sua coluna na imprensa local, publicava no Diário Popular críticas positivas em relação à produção de Judith, deixando evidente sua opinião sobre a qualidade do trabalho realizado pela artista. Aliás, apenas por Nelson é que Judith recebeu o *status* de artista².

É importante citar também as diferentes ideias que permeavam o ambiente do ILA. São diferentes lembranças que constituem uma memória coletiva entre professores, artistas, funcionários, amigos e alunos em relação à artista.

A importância de se reconstruir a história, neste caso a de Judith, a partir de várias entrevistas/memórias fica melhor entendida com as ideias de HALBWACHS (2006). Para ele, a memória individual não é suficiente para a

¹ Informação fornecida por Mário Eugênio Bacci em entrevista realizada em 18/10/2005.

² FREITAS, Nelson. **Diário Popular**. Pelotas, 15 abr 1984. Dona Judith.

reconstrução de uma lembrança. A reconstrução não pode ser baseada em testemunhos de uma memória individual, pois é preciso também que esta memória individual concorde com as memórias de um grupo social, devendo existir muitos pontos de contato (pontos em comum) entre estas diversas memórias. Assim, a lembrança será reconstruída por uma base comum (e consistente).

Judith trabalhava basicamente com argila e gesso com pátinas de bronze, por exemplo, destacando-se principalmente, com seus retratos em escultura. Retratava pessoas da sociedade de Pelotas, e personalidades da época, entre eles: Marina de Moraes Pires (diretora da EBA); John F. Kennedy (obra que foi encaminhada para o presidente dos EUA); Vera Maria Brauner de Meneses (Miss Brasil e Miss Beleza Internacional em 1961); Dom Antônio Záttera; Bruno de Mendonça Lima (jurista e professor da faculdade de direito da UFPel); Paulo Assumpção Osório (diretor do ILA); Tancredo Neves (presidente do Brasil - encaminhada à Minas Gerais)³. Houve um momento em que ela era a única artista a fazer retratos em escultura em Pelotas.

Fazia também imagens religiosas de cunho católico e afro-brasileiro e, por último, dedicou-se a figuras estilizadas. Citam-se: a lemanjá (na gruta no balneário dos prazeres em Pelotas); Mãe Preta; Mãe Josefina; Nossa Senhora com Cristo; Línguas de Fogo do Espírito Santo e Nu feminino violeta

A obra de Judith recebeu influências de estilos como o academicismo, o realismo e o expressionismo. O academicismo, originado nas academias de arte, possuía regras rígidas de composição e proporção, influenciou na construção de suas obras religiosas, como a lemanjá (Figura 1). O realismo, que busca representar a realidade concreta e exterior a partir da observação, sem idealização ou dramatização, colaborou muito para a realização dos bustos, assim como no retrato de Paulo Osório (Figura 2). Já o expressionismo simplificava as formas ou as deformava a fim de alcançar a expressividade desejada, características observadas em Nu Feminino Violeta (Figura 3).



Como visto, ao longo de sua produção foram encontrados vários estilos pelos quais a artista passou para criar seus trabalhos. Com isso, conclui-se que a artista assimilou as diversas vertentes artísticas que conheceu e, por isso, foi eclética em sua produção.

A importância da obra de Judith também é explicada quando entendemos as ideias de patrimônio de CHOAY (2006). Um exemplar notável no trabalho de

³ Informações do arquivo do MALG, localizadas em pasta de registro da artista Judith Bacci na referida instituição.

Judith Bacci é a escultura da imagem de Iemanjá (gruta do Balneário dos Prazeres, s/d). Com este trabalho pode-se observar a importância de sua obra para o patrimônio histórico da cidade de Pelotas. De acordo com CHOAY (2006, p.11), patrimônio histórico é todo bem destinado ao usufruto de uma comunidade, sendo assim, a escultura de Iemanjá merece receber tal designação.

A intensa relação da obra com a comunidade pelotense, sobretudo religiosa, nas procissões da festa em homenagem à Rainha do Mar, mostra a perfeita relação entre o usufruto de um bem e a comunidade.

Além disso, a maioria de seus retratos são obras públicas, expostas em instituições para a sociedade, e constituem a identidade da cidade ao representar as personalidades já citadas, importantes para a EBA, a UFPel e para a cidade, possuindo valor histórico para a identidade local.

4. CONCLUSÕES

A história de Judith foi marcada por resistências e dificuldades. O ambiente elitista da Escola de Belas Artes impunha um estilo artístico que valorizava apenas o trabalho do artista que tivera passado pela academia, que possuísse o conhecimento científico. Dessa maneira, o trabalho de Judith se distanciava dos padrões da época e suas produções não ganhavam espaço frente às obras de artistas renomados.

Sua presença causava desconforto no ambiente da época, pois não era possível atribuir-lhe, naquele momento, uma classificação plausível ao grau de desenvoltura de suas obras. Era sim uma artista autodidata, mas que possuía uma qualidade única de dar vida às obras, tamanho o realismo de suas produções nos retratos em escultura. Não era uma simples habilidade de cópia, ela possuía o poder da expressão.

Sua obra era significativa em vários contextos, relacionando-se com a religiosidade e com personalidades não somente locais, e merece um olhar mais atento para sua preservação. Suas obras não fazem parte somente do passado, elas são significativas no presente também, pois ainda mantêm relação com a sociedade. Pode-se concluir que a artista, embora não tenha passado pela academia, possuía um conhecimento que não pode ser menosprezado, ao contrário, deve ser valorizado e aceito como constituinte da cultura local.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos Descaminhos do Imaginário**: a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais UFRGS). Porto Alegre: 1996.

FREITAS, Nelson. **Diário Popular**. Pelotas, 15 abr 1984. Dona Judith.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.